

OS CUIDADOS PALIATIVOS DURANTE A PANDEMIA DO COVID 19

AUTORES

BORELLI, Manuela Alves

MESSIAS, Carla Rodrigues

PASSI, Lorena Maria

FERNANDES TRENTTO, Sophia Dias da Silva

QUEIROZ GROKE, Maria Julia

Discente da União das Faculdades dos Grandes Lagos – Unilago

FERNANDES, Josefa Maria Dias da Silva

Docente da União das Faculdades dos Grandes Lagos – Unilago

RESUMO

Este artigo realiza uma revisão da literatura sobre cuidados paliativos efetuados durante o cenário pandêmico do Covid-19. Esses cuidados configuram-se como uma forma de assistência à saúde física e psíquica de pacientes que enfrentam doenças graves sem perspectiva de cura, em estados terminais. No período de pandemia, houve um aumento na procura desse tipo de assistência devido à grande quantidade de pessoas com doenças em estágio avançado, impossibilitadas de atendimento presencial, em função do isolamento social obrigatório. Nesse período, as equipes multidisciplinares enfrentaram um grande desafio para manter o serviço de cuidados paliativos, tornando-se necessária a reformulação do ambiente hospitalar para que os familiares tivessem contato com o paciente. Na imposição dessa nova realidade, a presença de equipes voltadas para atenuar dores e angústias mostrou-se essencial, chamando a atenção para a importância dos cuidados paliativos na área da saúde, revelando, ainda, a necessidade desse tipo de tratamento no cotidiano dos pacientes com quadro clínico irreversível.

PALAVRAS - CHAVE

Cuidados paliativos, Covid-19, equipe multidisciplinar, desafio, importância.

ABSTRACT

1. INTRODUÇÃO

Os cuidados paliativos apresentam-se como uma abordagem especializada passível de oferecer suporte ao paciente e seus familiares. Esses cuidados procuram auxiliar, como princípios de atuação, no alívio de sofrimento, no controle dos sintomas e da dor, na busca pela autonomia do enfermo e na manutenção de vida ativa dos indivíduos enquanto ela durar. Desde o diagnóstico de uma doença incurável ou progressiva até o momento da morte propriamente dita, o paciente e a família começam a viver o luto antecipado. Nessas circunstâncias, inicia-se o amparo paliativo com o intuito de promover conforto, bem-estar, qualidade de vida, proporcionando o devido apoio para melhor aceitação e compreensão da morte.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), essa modalidade de cuidado deve ser oferecida o quanto antes, a fim de prevenir sintomas e complicações inerentes à doença de base. Embora os cuidados paliativos sejam conhecidos como algo que existe “quando não há mais nada a ser feito”, essa definição não está correta, porque, mesmo no final da vida, os pacientes devem receber cuidados essenciais para o seu bem-estar. Sendo assim, é necessário olhar cuidadosamente para a pessoa, que está sofrendo com a doença, e para a realidade que lhe é imposta.

Convém apontar também que os avanços tecnológicos e científicos são responsáveis pela redução da mortalidade. É fato que o ser humano tem uma expectativa mais longa de vida e, hoje, a maioria dos idosos são acometidos por doenças crônico-degenerativas. Entretanto, o aumento do tempo de vida não implica, necessariamente, na melhoria do bem-estar. Além disso, a intensidade da luta pela busca de cura leva à negação da morte, relegando, para um segundo plano, as intervenções que promovem um final de vida digno. Desse modo, os cuidados paliativos transformaram-se em uma forma inovadora de enfrentar o desafio da realidade, ganhando, a cada dia, mais espaço no Brasil.

Na abordagem voltada para o ser humano em final de ciclo, necessita-se de uma equipe de caráter interprofissional, que conta com médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem, assistentes sociais, psicólogos, farmacêuticos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, nutricionistas, assistentes espirituais de caráter ecumênico ou da religião escolhida pelo paciente. A implantação e implementação dos cuidados paliativos são de suma importância, assim como a propagação e manutenção desses cuidados.

É importante destacar que muitos são os empecilhos encontrados pelos países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil, para a implantação da assistência paliativa. Vale ressaltar, entre as dificuldades, a ausência de uma política nacional de alívio da dor, a deficiência na educação dos profissionais de saúde, a falta de uma política governamental adequada, a limitação no fornecimento de drogas necessárias para o alívio da dor, a carência de recursos para pesquisa e desenvolvimento em cuidados paliativos (Pagina 10)⁵, entre outros.

Os princípios e as práticas dos cuidados paliativos, se incorporados à formação médica, contribuiriam decisivamente no tratamento dos indivíduos debilitados. Porém, no Brasil, ainda persiste a carência de conhecimento durante a formação dos profissionais de saúde, levando também à insuficiência de incentivo das instituições públicas e políticas, sobretudo, quando se trata do enfrentamento dos problemas decorrentes de doenças incuráveis. Apesar disso, o cenário brasileiro vem se modificando, pois tem procurado apoiar a inclusão desses cuidados com uma perspectiva fundamental.

Entende-se, dessa forma, que o tratamento paliativo se caracteriza como um assunto de extrema relevância, especialmente, em sociedades em desenvolvimento como a nossa. Reforçando que o impacto na expectativa de

vida, juntamente com o aumento da incidência de doenças crônicas e de impossibilidade de cura, provoca um crescimento considerável no número de pessoas que precisam de apoio e, na maioria das vezes, não encontram profissionais de saúde e instituições hospitalares capacitados para atendê-los. (página 13)⁵.

Pensando nisso, este artigo busca levantar informações sobre os cuidados paliativos e a sua importância, evidenciando os desafios que enfrentaram, além das contribuições que ofereceram, durante a pandemia do COVID-19. Para tanto, convém recordar que, em 2020, houve um surto do vírus Sars-Cov-2, sobrecarregando postos de saúde e hospitais, gerando um impacto na área da saúde. Com o aumento do sofrimento frente à quantidade de óbitos e doentes, ocorreu uma diminuição na qualidade de vida da população.

Durante a pandemia, houve uma batalha nos hospitais para tentar salvar o máximo possível de pessoas. Muitas vezes, os pacientes passaram por um sofrimento desnecessário, causado pela carência de recursos, ou pelo fornecimento de recursos que geravam mais malefícios, para prolongar suas vidas. Isso é exatamente o contrário do que os cuidados paliativos visam, uma vez que estes procuram promover o conforto e o bem-estar. Nesse período, foi necessária a adequação dos serviços da área da saúde para manter o atendimento aos pacientes e profissionais de forma segura, por isso foi elaborado um plano desafiador: conciliar o atendimento seguro e a manutenção da relação médico-paciente.

Também foi indispensável aumentar a quantidade de equipes multidisciplinares especializadas. Devido às circunstâncias, a equipe precisou disponibilizar chamadas de vídeo entre os pacientes e seus familiares e até mesmo para a equipe conseguir se comunicar com a família devido o distanciamento social. Diante desse cenário, o sistema de saúde apresentou diversas lacunas assistenciais, escassez de especialistas e de profissionais para lidar com situações atípicas, em que a presença de cuidados paliativos agregaria muito, levando em consideração, principalmente, a necessidade de cada indivíduo.

Ademais, a pandemia obrigou as pessoas a passarem por um luto contínuo, devido à grande quantidade de mortes. Desse modo, os profissionais da saúde tiveram que se reinventar para gerar mais conforto tanto para os que estavam internados, quanto para os familiares, que não podiam realizar visitas em virtude do alto risco de contágio. Por isso, era fundamental a realização de conversas mais delicadas para prepará-los para vivenciar o distanciamento e o luto pela perda de seus entes queridos.

A propósito, o luto é uma separação traumática, em que ocorre a quebra ou a ausência de um vínculo afetivo, ou a vivência de situações que envolvam perdas, que acabam em uma tristeza profunda, por vezes, associadas a surtos psicóticos ou doenças psicossomáticas. O luto antecipado ou antecipatório configura-se como a experiência pessoal da família e do paciente, desde a divulgação do diagnóstico até o dia da morte. Dessa forma, é essencial a existência da atenção paliativa para apoio psicossocial e para o alívio da dor física e emocional de todos envolvidos nesse processo.

Nessa perspectiva, o objetivo do avanço em relação aos cuidados paliativos na pandemia foi diminuir o tratamento intensivo desnecessário em algumas situações. Para alcançar tal objetivo, foi preciso estabelecer protocolos para identificar os pacientes em estágio terminal. Diante disso, foram implementadas ações como o manejo da dor por meios farmacológicos e não farmacológicos, a disponibilidade de canais de comunicação entre familiares, a adaptação dos serviços de saúde, o gerenciamento do atendimento em saúde para demanda intensa e específica. Além dessas ações, também ocorreu o aumento das equipes de cuidados paliativos, a fim de melhorar a capacidade de humanização em relação às práticas propostas aos pacientes, respeitando a individualidade de cada um, visando fornecer o melhor tratamento, “com respeito à sua forma de ver e viver a vida” (pág 7)⁷

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica acerca do tema "Cuidados Paliativos". Os artigos avaliados foram selecionados nos sites *PubMed* e *Scielo*, em dois idiomas, português (Brasil) e inglês, levando em consideração os anos de 2013 a 2023, buscando, sobretudo, textos que abordavam os cuidados paliativos durante a pandemia de covid 19. Além desses sites, foram utilizados outros, como o *Inca* e o *Creμεςp*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No cenário pandêmico, como já foi destacado, o luto antecipado ocorreu de uma maneira intensificada e problemática, devido à inconstância e instabilidade do paciente internado, com complicações, ou não, causadas pelo vírus SARS COVID-19. No que diz respeito à assistência paliativa de doenças crônicas já conhecidas, o paciente geralmente conta com uma rede presencial e domiciliar de apoio familiar, somada à equipe multiprofissional. No entanto, na composição dos cuidados ao paciente contaminado pelo vírus Sars-Cov-2, esse cenário se transformou. Houve a necessidade de reformular os cuidados e criar estratégias para acompanhar as mudanças ocorridas dentro do ambiente hospitalar, durante o tratamento intensivo.

Diante disso, o benefício paliativo passou a ser reconhecido e foi apresentado de forma considerável ao mundo, expondo o significado do cuidado em prol da redução de danos à saúde do paciente, sem visar, como único intuito, à cura. Dessa forma, fez-se necessário colher, somar e evidenciar informações que realçassem a importância desses cuidados. Essas informações foram analisadas, atentando para a implantação de estratégias que acompanharam a mudança do cenário, observando, ainda, a contribuição para a melhora no tratamento intensivo e não intensivo dos pacientes.

Com base nos artigos selecionados e avaliados para essa revisão, usando critérios de exclusão e inclusão, concluiu-se que, durante a pandemia, a assistência paliativa revelou-se indispensável, mesmo não sendo, até então, muito valorizada e reconhecida no mundo. Após dados coletados, realizou-se uma análise da inserção dessa assistência no cenário da pandemia da COVID-19, com destaque para duas vertentes que resumem os principais aspectos abordados nos estudos: as "Estratégias para implementação dos cuidados paliativos no enfrentamento da COVID-19" e a "Terapêutica paliativista no contexto da pandemia: desafios e contribuições".

A primeira dessas vertentes aponta as estratégias utilizadas para a prática dos cuidados paliativos no enfrentamento da COVID-19, com ênfase na telemedicina e na comunicação entre equipe multidisciplinar-família, no planejamento das ações, na utilização adequada dos equipamentos de proteção individual, no uso de ferramentas de gestão como planos, diretrizes e protocolos. A outra vertente está relacionada aos desafios e às contribuições da terapêutica paliativista.

Na primeira demanda, as contribuições associam-se, principalmente, ao manejo farmacológico e não farmacológico dos sinais e sintomas apresentados pelos pacientes, e ao apoio emocional e espiritual aos doentes, familiares e/ou cuidadores. Enquanto, na segunda demanda, os desafios são relacionados ao acesso dificultado dos enfermos aos serviços de saúde, observando um grande obstáculo e desajuste no atendimento àqueles que já estavam em assistência paliativa. Nesse sentido, incluem-se o caso dos cuidados aos pacientes oncológicos que, em meio ao cenário pandêmico, também tiveram que ser reajustados, e a necessidade de capacitação de profissionais com a mudança nos hábitos das consultas e atendimentos ambulatoriais, domiciliares, intensivos e atendimentos às Unidades de Pronto Atendimento.³

Antes da pandemia, a abrangência do cuidado paliativo na composição da assistência de doenças crônicas, como o Câncer, ou de tratamentos relacionados ao envelhecimento da população, mesmo sendo razoavelmente

utilizada, era pouco conhecida e pouco falada. Dessa forma, o cenário pandêmico revelou-se enfático e decisivo, reinventando e engrandecendo, de maneira inovadora e sistemática, a necessidade e a importância do estudo e da implantação do Paliativismo na promoção da saúde.

4. CONCLUSÃO

Com base na revisão da literatura realizada neste presente estudo, foi possível entender as limitações e atuações dos cuidados paliativos no Brasil, principalmente diante de um cenário de exceção, como o da pandemia de Covid 19. Compreendeu-se também as dificuldades presentes em um contexto em que as doenças crônicas estão se tornando mais comuns, à medida que a população envelhece, e novos tipos de cânceres são descobertos. Pensando nisso, conclui-se que o cenário atual requer maior adaptação das equipes de saúde para com esses pacientes, garantindo uma “qualidade de morte” a todos, começando a partir do momento do diagnóstico de uma doença terminal.

Isso quer dizer que, no momento em que a doença é diagnosticada e se detecta a alta taxa de mortalidade, o paciente, a equipe de saúde e os familiares já começam a viver as fases do luto, gerando um impacto direto em seu sentimento, sensações físicas e comportamento. De acordo com essa afirmativa, o processo de luto, na ocasião do diagnóstico e até mesmo após morte, deve ser um processo subjetivo e particular, sendo, portanto, da responsabilidade da equipe paliativa, o objetivo de englobar as necessidades dos pacientes e familiares de forma integral.

Assim, é essencial alinhar uma comunicação eficaz, cuja finalidade seja melhorar a relação entre o profissional e o paciente, tornando-a mais humanizada e clara, sem criar falsas esperanças. É fundamental oferecer a oportunidade de um viver bem, controlar os sintomas, aliviar o sofrimento (físico e psicológico), promover a espiritualidade (com respeito às crenças de cada paciente), ajudando o paciente a entender que se trata de um processo natural, portanto, não se deve negá-lo ou abreviá-lo. Dessa maneira, será possível vivenciar o processo, sem esperar a cura ou a morte, de um modo menos doloroso e mais reconfortante.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HERMES, H.R., ARRUDA LAMARCA, I.C., 2013. Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/6RByxM8wLfBBVXhYmPY7RRB/?lang=pt>>.

Acesso em: 23/05/2023

ZANIBONI GOMES, A.L., OTHERO, M.B., 2016. Cuidados Paliativos. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/gvDg7kRRbzdfXfr8CsvBbXL/?format=html>>. Acesso em: 23/05/2023

SAMPAIO, S.G. dos S.M., DIAS, A.M., FREITAS, R. de., (2020). Orientações do Serviço Médico de uma Unidade de Referência em Cuidados Paliativos Oncológicos frente à Pandemia de Covid-19. Revista Brasileira de Cancerologia. INTERNET, instituto Nacional de Câncer – INCA, v.66, e-1058, 04/06/2020. Disponível em: <<https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/1058>>. Acesso em: 23/05/2023

COSTA, A. F. C., (2021). Cuidados paliativos com ênfase em conforto. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 7(10), 1900–1907.. Disponível em: <<https://doi.org/10.51891/rease.v7i10.2716>>. Acesso em: 23/05/2023.

MACEDO, J.A.L. de J. (2016). Monografia: *Cuidados paliativos no Brasil – revisão sistemática*. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/18581>>. Acesso em: 23/05/2023.

FERNANDES, M.A., COSTA, S.F.G da., MORAIS, G.S da n., DUARTE, M.C.S., ZACCARA, A.A.L., & BATISTA, P.S. de S.. (2016). Cuidados paliativos e luto: um estudo bibliométrico. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/dJ39JJfPjzpmJfjFZXd7Lzb/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 23/05/2023.

FLORÊNCIO, R.S., CESTARI, V.R.F., SOUZA, L.C. de., FLOR, A.C., NOGUEIRA, V.P., MOREIRA, T.M.M., et al.. (2020). Cuidados paliativos no contexto da pandemia de COVID-19: desafios e contribuições. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/WprnrGf7wGWQPJyztZv5YNg/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 23/05/2023

RITANY, É. F., SOUZA FILHO, B.A.B. de., & MENDONÇA, P.E.X. de.. (2021). Fortalecer os cuidados paliativos durante a pandemia de COVID-19. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/KzYVJwppxwW4HFfBSgrjwWJ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 23/05/2023